

Aquarius



Ed Caliban

May 17, 2017 · 5 min read

Isabel Cristina Mateus



Acordo a meio da noite, sem sono. Perturbou-me o filme que fui ver, *Aquarius* (de Kleber Mendonça Filho, 2016). As imagens atropelam-se na minha cabeça como se estivessem a processar interiormente.

Conheço a sensação. Sei o que tenho de fazer. Sento-me, pego num bloco de notas e no meu inseparável lápis azul: não voltarei a dormir se não apaziguar este desejo de escrita. Vou tomando notas.

Falar sobre este filme intenso que requer leituras “intensivas”, quero dizer, dessas que vão despindo sentidos, talvez seja dizer das razões íntimas da minha nocturna vigília. Sem querer ordenar o que é ainda sobressalto, partilho aqui algumas dessas notas.

A primeira, desde logo, para sublinhar a força do olhar de Clara (Sónia Braga), a jornalista reformada que recusa vender o seu apartamento no edifício Aquarius, situado numa zona nobre da cidade de Recife, à construtora proprietária de todos os restantes apartamentos e que aí pretende construir um condomínio privado. O olhar da mulher determinada, sofrida e lutadora, capaz de enfrentar tudo e todos os que se lhe atravessarem no caminho, incluindo os poderes económicos que tudo vão levando como o vento que sopra neste e noutros filmes. A força expressiva deste olhar que, nas suas diversas modulações (amor, amizade, cumplicidade, dúvida, raiva), se constitui como o núcleo estruturante do filme que o olho da câmara de alguma forma traduz e dá a ver. A linguagem deste olhar, feita de silêncio, de dor e de ternura.

Perturba-me a serena quietude do rosto onde se reflecte o tumulto de emoções que o atravessa como se me olhasse a mim mesma no espelho do ecrã ou da escrita. Desde logo porque ele coincide com o rosto e olhar da actriz Sónia Braga. E isso faz, para mim, toda a diferença. Porque é impossível, para os espectadores portugueses da minha geração separar este olhar daquilo que foi o fulgor de beleza e de sedução de Gabriela cravo e canela, a personagem que Jorge Amado criou e com ela ganhou corpo para sempre. A beleza selvagem da sertaneja Gabriela, indómita e instintiva, em confronto com as convenções sociais de uma cidade em

transformação como a da Bahia no início do século XX, recusando a domesticação que os sapatos impõem e soltando as amarras dos cabelos como um mar livre em que há-de navegar o fazendeiro Nacib. O corpo de Gabriela que então se oferecia ao púdico olhar luso como a descoberta de um erotismo desconhecido quando não o fulgor de uma sexualidade ignorada.

Sónia Braga agora não menos bela, exibindo sem pudor ou disfarce, sem complexo, na pele de Clara, as marcas deixadas pela passagem do tempo ou pela doença. As cicatrizes da vida. Clara que, tal como Gabriela, é uma força da natureza, instintiva, indomável, mas ao mesmo tempo de uma fria lucidez e inteligência pragmática. A uni-las, o mesmo grito de liberdade contra os sapatos que moldando e confinando o corpo minam e corroem a alma.

Incomoda-me esta Clara isolada, exilada no seu próprio prédio e defendendo com todas as forças a casa como um pedaço do seu próprio corpo. Lugar da pele, de afectos e de memórias. Espaço identitário e de pertença, do passado tornado presente nos gestos do quotidiano, nos vinis que põe a tocar no gira-discos, nos álbuns de fotografias, nos objectos e nas fotos espalhados pelas divisões. “Só saio daqui morta”, dirá Clara ao cínico director da empresa que a pressiona a vender a casa.

Há qualquer coisa de epopeia solitária, íntima, sem grandiloquência ou nostalgia, sem “pathos” trágico. Uma notável contenção emotiva no olhar cúmplice da câmara.

Todavia, há nesse despojamento narrativo qualquer coisa que me

toca por dentro, me arrepia a pele, pelo que aí se pressente. A casa de Clara como lugar de identidade e de resistência contra o esquecimento. Contra a morte e as suas máscaras: a doença, o silêncio, a perda, o prédio “sem vida”, como um fantasma do passado. A casa de Clara como um *aquário* esquecido no sepulcro do prédio, uma bolha de vida ou oásis humano no deserto da cidade. A viuvez como metáfora do corpo amputado, o lugar ausente do amor que faz do seio familiar a razão última da sua vida. A solidão como condição. A viuvez que faz da casa um coração desabitado.

Torna-se, por isso, inquietante a imagem do ninho de térmitas insidiosamente mandado colocar num dos apartamentos vazios, como um cancro que vai alastrando pela paredes e silenciosamente devorando a casa. A minha memória de leitora não pode deixar de convocar as formigas-cortadeiras de um romance de Nassar e o modo como elas põem fim a uma relação amorosa impossível, como destroem a casa provisória do amor. Ou a “avalanche demoníaca” de formigas que ameaça invadir a escrita de Clarice Lispector, da escrita que se ergue contra a morte diária, que reclama a morte do autor e a criação desse “outro” ficcional que dá pelo nome de Ângela Pralini.

As térmitas que devoram a casa de Clara são de outra espécie, são a imagem do trágico convertido em presença alienante e grotesca. Experiência do inominável, do indizível, para Clara e para o espectador. E é precisamente contra esta inquietante paralisia da linguagem que se ergue o gesto de vingança de Clara, o seu poderoso grito de revolta, ao despejar nos escritórios da empresa a mala cheia de térmitas. Inoculando-lhes em casa a doença que a

há-de destruir. Em matéria de cancro, afirmará Clara, “prefiro dar um do que ter um”.

Impossível ficar indiferente perante este grito de liberdade, esta explosão vitoriosa do humano contra os poderes sem rosto que agem na sombra e nos tolhem a acção. Contra as térmitas silenciosas da ganância que vão alastrando como um cancro na casa ocidental (no Brasil, de um modo particular) e nos devoram a alma. Um grito que nos devolve ao essencial, à urgência de defendermos a nossa casa comum contra a desumanização crescente.

Vejo-me a sair do filme perturbada pela sua despojada intensidade, pela sua imensa beleza. Pelo grito de Clara que continua a repercutir-se em mim e me leva a evitar os outros. À procura da solidão. Grito que me acorda esta noite e me humedece o olhar ao escrever estas linhas com as lágrimas que não consegui soltar.

Talvez agora possa voltar a dormir.

Cinema

Crónica

Cinema Brasileiro

Sónia Braga

Medium

[About](#) [Help](#) [Legal](#)